

## LUGAR E IDENTIDADE NA EXPERIÊNCIA MIGRANTE: ENTRE EVENTUALIDADE E TRANSITORIEDADE

PLACE AND IDENTITY ON MIGRANT EXPERIENCE: BETWEEN EVENTUALITY AND TRANSIENCE

Priscila Marchiori Dal Gallo<sup>1</sup>

### RESUMO

Propomos pensar a migração refletindo sobre a relação constituinte dos lugares, isto é, a relação ser-lugar. Relação esta que se configura como o fundamento das questões migratórias. Atentar a essa dimensão espaço-existencial do fenômeno migratório nos faz pensá-lo à luz da ontologia. Tal posicionamento nos conduz a refletir quais as implicações sobre a segurança ontológica que o ato de migrar engendra. Como o migrante negocia a continuidade do seu ser-e-estar-no-mundo. Entendemos que essa negociação envolve a busca pela continuidade da narrativa existencial do migrante. Esta está embasada na constituição dos lugares. O ser é sempre um ser-aí, a narrativa do lugar se co-institui numa unidade indivisível com a narrativa do ser. Buscamos refletir tal negociação a partir da identidade, entendendo esta não de forma abstrata, mas como a união de uma unidade: o migrante consigo mesmo, ser ele mesmo o mesmo.

**Palavras-chave:** migração, narrativa existencial, identidade, segurança ontológica, fenomenologia

### ABSTRACT

This paper proposal is to discuss migration from place constitutive relations, namely, being-place relation. Remarking this relation as configured as the migration fundamental issues. Take into consideration this space-existential dimension of the migratory phenomenon lead us to think of it in the light of ontology, or in other words, as an ontological question. State that carry us out to a reflection upon the implications over ontological security the migrate act would engender and how migrants negotiate their be-in-the-world continuity. Understanding this negotiation as involving the search for the migrant existential narrative continuity and that it is grounded at places constitutions. Because self is always a be-there, the place narrative is co-institute as an indivisible unit with the self narrative. Thus, from identity concept we intend to meditate about this negotiation, understanding it not as abstraction, but as the union of a unit: the migrant himself being himself the same.

**Key-words:** migration, existential narrative, identity, ontological security, phenomenology

<sup>1</sup> Geógrafa pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). kinomotoclamp@yahoo.com.br.  
✉ Rua Luiz Moretzshon de Camargo, 323. Jardim Santana. 13088-699. Campinas, SP.

**S**e sempre nos perguntamos “quem são aqueles que se movem?” a fim de qualificar e entender os fluxos migratórios, não deveríamos também perguntar “onde esses que se movem desenham seus fluxos?”. Aliás, não seriam essas perguntas na verdade uma só? Tudo aquilo que tem sua humanidade nunca deixa de ter sua espacialidade e, assim, a sua historicidade e a sua geograficidade.

O fenômeno migratório é essencialmente espacial, ele ocorre como um fenômeno fundamentado na espacialidade. As pessoas migram no e pelo espaço. Sempre que nos perguntamos quem são os migrantes, estamos, invariavelmente, de uma maneira ou de outra, nos perguntando sobre as espacialidades vividas e percorridas por esses migrantes. Em outras palavras, estamos perguntando sobre lugares.

Os migrantes cruzam fronteiras, atravessam Estados, percorrem regiões, adentram territórios, mas antes de tudo, os migrantes migram dos, entre e para os lugares. Os migrantes vivem e experienciam lugares. Ter em vista o lugar torna necessário rescindir com o olhar panorâmico e superficial sobre os fluxos migratórios e atentar à microescala, buscando entender o fenômeno migratório à luz dos reflexos da migração nas esferas da vida mais próximas do migrante.

Essa busca envolve refletir a relação de interdependência e cumplicidade que estabelecemos com nossos lugares, ou em outras palavras, pensar o processo migratório pesando a relação migrante-lugar-experiência. Tal postura nos leva a pensar a migração e o migrante partindo da compreensão do fenômeno migratório por meio do entendimento do ser.

Mas, quais as potencialidades que refletir esta relação tem para o entendimento do fenômeno migratório?

A reflexão sobre a relação migrante-lugar é capaz de nos elucidar os caminhos, percalços, desafios e possibilidades do processo de

negociação da presença e pertencimento dos migrantes no destino. Em outras palavras, essa relação toca o cerne das negociações entre migrante-origem e nativo-destino: a negociação do ser-e-estar-no-mundo. Tal negociação fundamenta-se e se dá essencialmente no lugar.

Como um caminho para alcançarmos essa reflexão, buscamos imergir num mundo alheio, com a estratégia de torná-lo algo familiar, para que possamos nos aproximar de sua lógica, compreendendo seus sentidos e significados (CARDOSO, 1997). Entendemos que tal busca remete à apreensão da **experiência migrante**.

O lugar é um centro de significância construído pela experiência do sujeito (TUAN, 1975). Entender esta experiência é apreender o significado do envolvimento do homem **com** e **no** o mundo (MARANDOLA JR., 2005). Este entendimento nos traz a problemática da negociação da continuidade da narrativa existencial do migrante.

Nosso lugar é nossa base existencial. A relação de interdependência que estabelecemos com ele é essencial para a continuidade de nosso ser, de nossa segurança existencial (MARANDOLA JR., 2008a). Num movimento o sujeito vai ao encontro do mundo (*outgoing*) e o internaliza, enraizando o mundo em seu Eu (*incoming*) (CASEY, 2001). O sujeito estende uma multiplicidade de fios conectores, que envolvem funções psíquicas e corporais, a fim de apreender o lugar. Este marca sua presença no corpo e forma de ser.

Discutir a relação migrante-lugar implica tratar a migração como uma questão ontológica. O que nos leva a pensar sobre a identidade do migrante.

Situar-se no destino não é algo monolítico, estou “aqui” e sou “daqui” ao migrar estou “lá” e agora sou de “lá”. Ao contrário, situar-se é uma transição ontológica, que envolve as vontades, intenções, humores e necessidade de ser do ser. Esse situar-se é uma experiência geográfica

de constituição da relação orgânica sujeito-lugar pelo migrante: um caminhar permeado pela negociação da inserção do ser em uma realidade geográfica alheia.

O ser busca amortecer os abalos e implicações de seu ato: migrar buscando dar continuidade à sua narrativa existencial. Nessa busca o lugar se afirma como a instância e circunstância em que o migrante pode manter sua identidade. Discutimos essa busca nos desvencilhando da concepção metafísica de identidade. Isto é, uma concepção abstrata de identidade que parte de uma categorização embasada em uma concepção construída que representa a pessoa. Para compreender a ontologia do migrante, devemos transcender uma identidade cuja essência é sintética, colocando as mediações entre parênteses atentando ao apelo da identidade, através da qual o migrante conseguirá manifestar-se enquanto ser.

O migrante não se enxerga, *a priori*, como um diferente. É no local de destino que o migrante passa a perceber que seu ser simboliza e instiga à percepção de uma forma de ser-e-estar-no-mundo, até então estranha. O migrante, por ser visto, passa a se ver diferentemente (CUNHA, 2007). As ações, que eram concebidas como atitudes naturais, não mais passam despercebidas. O migrante toma consciência delas, e por vezes, passa a praticá-las propositadamente a fim de afirmar justamente sua diferença. É em seu esforço pela afirmação de sua diferença que somos interpelados pela identidade do migrante, o ser migrante emerge como um traço desta identidade.

Nesse sentido, nossa decisão culminou na adoção de outra concepção de identidade, que surge na conferência de Heidegger (1999), na qual ele aborda o princípio da identidade:  $A=A$ . O filósofo chama atenção para a necessidade de meditar essa igualdade de maneira menos leviana, entendendo-a não simplesmente como  $A \text{ é } A$ , mas sim  $A \text{ é } A$ . Este é, Heidegger argumenta, indica o teor fundamental do princípio,

qual seja: todo e qualquer ente é ele mesmo consigo mesmo o mesmo. Em outras palavras, o princípio da identidade coloca que a unidade da identidade constitui um traço fundamental no seio do ser do ente.

Ponderamos que o migrante existe e constitui seus lugares num tempo que se caracteriza (1) por não existir parâmetros e pertencimentos naturais, mas sim escolhas cujas consequências são desconhecidas; (2) pela dispersão do Eu por entre lugares. Tal contexto precisa ser pensado para que o processo migratório possa ser apreendido e entendido em sua especificidade. Buscamos, assim, antes refletir como o cenário contemporâneo tem reverberado no fenômeno migratório, para então desenvolver a discussão sobre a relação migrante-lugar na negociação de seu processo de inserção. Caminhando para uma reflexão sobre o papel da identidade no entendimento da migração enquanto uma questão ontológica.

#### O CONTEXTO DA MODERNIDADE LÍQUIDA E A CONDIÇÃO DE "ESTAR-ENTRE" DO MIGRANTE

Lá [na Argélia], eles se sentem seguros [...] lá deve ser simples: há o bem e o mal; ou você esta dentro da norma ou não está.  
[...] Mas aqui na França é mais complicado  
Zahoua (SAYAD, 1998, p. 183)

Na modernidade líquida as ambiguidades, imprevisibilidade, incerteza, multiplicidade são as palavras de ordem (BAUMAN, 2001). Questões existenciais como: Quem quero ser? Quem devo me tornar? A quem e a qual lugar pertencço? São questões de autorreflexão feitas desde sempre pelos sujeitos. Contudo, aqueles que vivem na modernidade líquida têm suas respostas a essas questões postas em cheque com mais frequência do que gostariam. A cada tentativa de respondê-las a capacidade do sujeito de encontrar um equilíbrio

entre segurança e risco é colocada à prova. Essas respostas envolvem sempre a capacidade de autorreflexão, sendo uma responsabilidade individual.

Diante de tal cenário, como o migrante no tempo da modernidade líquida tem lidado com sua condição migrante? Qual o reflexo desse quadro no ato de migrar?

A modernidade líquida se dá como um contraponto de um mundo pré-reflexivo (GIDDENS, 1991). Este se configura num tempo no qual, como diz Bauman (2001), a engenharia social se liquefaz. Isto é, a estrutura de controle das impulsões das vontades humanas, a fim de uniformizar a conduta dos sujeitos, padronizando, monitorando e direcionando as ações, é desconstruída, é rompida. As decisões e responsabilidades são privatizadas e individualizadas. Os sujeitos, em grande medida, são responsáveis pela autogestão dos seus atos. Tal tempo é perpassado por uma política emancipatória em favor da liberdade de ação permeada pelo direito à diferença e à resistência ao enquadramento social.

Diante disso, os migrantes têm maior domínio sobre que curso de ação tomar, ele pode (e deve) autogestar seu ato de migrar, suas novas ambições, seus novos desafios, as imprevisibilidades e incertezas de suas escolhas. Há uma abertura à amplitude de escolhas e à reflexividade que empodera a possibilidade da negociação. Como reflexo, a negociação dos migrantes pode engendrar sua inserção no local de destino sem exigência de abdições de seus referenciais e de lealdade exclusiva. Contudo, ele deve ter consciência de que suas escolhas têm consequências e que elas devem ser autogestadas. Sejam elas boas ou ruins, recaíam sobre o migrante.

Goettert (2009) aborda a transitoriedade migratória: a indefinição do lugar do migrante. Isto é, a que lugar ele pertence? Em sua negociação, o migrante permanece no limiar entre “ser daqui” ou

“ser de lá”. Em outras palavras, em uma condição de “estar-entre”: estar “aqui” e “lá”, vivendo em um duplo sistema de referências. O migrante não partilha, de imediato, das suposições locais sobre os hábitos e condutas. Ele não se desvincula, *a priori*, de seus laços de amizade, parentesco e pertencimento. Como reflexo o migrante vive os sistemas de referência: do destino (mesmo como uma contradição) e de sua terra natal. O migrante não vive o movimento migratório de forma polarizada, unidirecional e linear.

Este “estar-entre” é um desdobramento dos engajamentos em práticas e atividades trans-nacionais, que acabam por se rotinizar e se integrar ao cotidiano dos migrantes. A manutenção de práticas trans-nacionais é permeada por um estado de transitividade, o qual não se refere apenas aos movimentos físicos e à copresença corporal, mas um trânsito subjetivo (GOETTERT, 2009).

O migrante engendra uma série de atividades que conectam origem-destino. Tal conexão ocorre através de meios tradicionais como: telefone, cartas, telégrafo, a própria televisão e jornais e meios mais atuais como os blogs, os programas de comunicação instantânea, sites de relacionamento (Orkut ou Facebook), os e-mails, etc., os quais permitem a comunicação à distância entre migrantes e não-migrantes. Existem ainda conexões estabelecidas via consumo de produtos do país de origem, remessas (dinheiro, objetos). Os contatos mais diretos ocorrem por meio das festividades, visitas frequentes, ou ensejados pelos eventos do ciclo de vida (casamento, aniversários, morte).

A permanência e adaptação do migrante são relativizadas em função da simultaneidade de práticas culturais, econômicas, espaciais, tanto individuais quanto coletivas, que permitem uma inserção do migrante no local de destino sem sua aculturação. Os migrantes podem decidir sobre suas relações intersubjetivas e as práticas sociais e culturais que incorporam e colocam em vigor (LEVITT; GLICK-SCHILLER, 2004).

Tal liberdade sobre suas decisões (empoderamento do migrante) desdobra-se numa forma de assimilação que se realiza através da escolha. O migrante determina que campos da vida diária, do local de destino adentrar e de que forma. Ele ingressa nas esferas da vida via conhecimento superficial e instrumental ou via um envolvimento orgânico. Em outras palavras, as escolhas dos migrantes permitem uma assimilação segmentada. Nesta os migrantes permanecem num limiar entre uma integração estrutural e um engajamento em conexões e relações familiares/sociais. Ele deve equilibrar sua inserção no local de destino com seu comprometimento com os referenciais socioculturais e socioespaciais do local de origem (WESSENDORF, 2007; COLOMBO, LEONINI, REBUGHINI, 2009; NAGEL, 2009). Contudo, é indispensável dizer que essa assimilação não é um desdobramento exclusivamente das vontades dos migrantes, pelo contrário, elas são o reflexo de um balanço entre as predisposições dos locais em aceitarem e acolherem os migrantes e a inclinação dos migrantes em se inserir no lugar de destino.

Essa possibilidade de negociação da participação mais ou menos ativa nas diferentes esferas da vida social, cultural, política, econômica, religiosa, no local de destino, permite ao migrante preservar seus hábitos e rotinas. Os migrantes podem negociar sua permanência tendo em vista a continuidade de sua forma de ser.

Entendemos que tal sentimento realiza-se na relação com e na constituição dos lugares. Nossos lugares "are part of the fabric of everyday life and its taken-for-garanted routines" (BUTTNER, 1980, p.167), eles são a base espaço-existencial dos sujeitos, eles suportam e influenciam a formação, a preservação e a continuidade do Eu. Em vista disso, propomos que o lugar permite ao migrante lidar com suas questões existenciais: sua condição de "estar-entre", enfrentando as contradições com que se depara sem negar-se ou trair a si mesmo. Tal

enfrentamento ocorre através de duas categorias distintas de lugar: (1) os lugares genéricos e (2) os lugares apropriados. Os primeiros estão inseridos num circuito cosmopolita global. Os migrantes mantêm com eles um envolvimento sistemático. Os segundos se configuram como os lugares sob influência mais imediata dos sujeitos. São apropriados efetivamente por eles. Os migrantes têm com eles um envolvimento mais orgânico. Embora essas categorias sejam distintas, ambas convêm à busca do migrante pela continuidade do Eu, elas se configuram como espaços resultantes de estratégias distintas de negociação de permanência e pertencimento do migrante. É sobre elas que nos propomos, agora, discutir.

#### O LUGAR COMO BASE DE NEGOCIAÇÃO DO SER MIGRANTE

The intrusion of an unexpected space into the body suggests that the experience of a new home involves a partial shedding of the skin, a process which is uncomfortable and well described as the irritation of an itch  
(AHMED, 1999, p.342)

Se nos propusermos a pensar a condição do migrante e questionarmos sobre seu processo de inserção no local de destino, nos depararemos com um movimento que toca diretamente o ser dos migrantes. O deslocar-se dos migrantes de seus lugares para lugares alheios implica um abalo direto no ser: migrar coloca um questionamento ao ser do migrante, à sua segurança ontológica. Tal questionamento precisa ser, de alguma forma, contornado, a fim do migrante manter a integridade de seu ser. Esse superar solicita que o ser seja devolvido a ele mesmo.

Para Relph (1976), os lugares, pessoas, ações e o tempo formam uma unidade indivisível, cuja continuidade deriva de um movimento conjunto de seus integrantes. Mudanças em qualquer um desses componentes promovem uma reação de mudança nos demais. O lugar

e o ser estão continuamente se constituindo mediante à transformação conjunta ser-lugar ao longo do tempo. Os lugares são sensíveis a emoções, memória, imaginação e intenções dos sujeitos (que são altamente cambiáveis), na mesma medida em que o ser é sensível às inconstâncias (presenciais, sensoriais) dos lugares. Tal sensibilidade faz com que sujeito e lugar sempre estejam emergindo e vindo a ser.

O migrante precisa encontrar um equilíbrio entre a fragilidade e a solidez da narrativa, caminhando pelas infinitas possibilidades de políticas de vida que podem ser perscrutadas sem perder-se ou dispersar-se, de forma a manter sua segurança ontológica. Para tanto, o ser migrante tem alguns caminhos; contudo, todos eles envolvem, em alguma medida, o transformar-se, isto é, permitir a si mesmo mudar sua forma de existência e seu ser no mundo, ou resistir e buscar sua coerência narrativa e existencial continuando a ser aquilo que é. Diante de tais opções, podemos apontar pelo menos **três movimentos** por parte dos migrantes.

**Primeiramente**, existem os migrantes que experienciam e incorporam o lugar de destino, transformando seu ser, isto é, o ser permite-se abrir às experiências do novo lugar, somatizando-as. Tal movimento é recorrente em situações em que a busca do migrante é justamente do novo, um lugar em que ele possa ser diferente. Muito embora ele não possa apagar seu passado, um novo lugar poderia lhe dar a possibilidade de um recomeço. Podemos pensar no caso dos refugiados que sofreram fortes traumas, ou um simples descontentamento, uma inquietude em relação ao lugar em que se está, uma sensação de “este não é meu lugar”, “aqui não posso ser eu mesmo”.

**Segundo**, existem migrantes que vivenciam e experienciam o lugar alheio, mas têm uma menor receptividade ao *modos operandi* do local de destino, não se modificando enquanto ser, desde o ser. O que isso

quer dizer? Entendemos que não existe o extremo da rejeição total do *modos operandi* alheio. Muitas práticas e referências são adotadas pelos migrantes, contudo, sua identidade permanece como uma “identidade em *pentimento*” (CUNHA, 2007, p. 41), como numa pintura, em que por mais sobreposições que o artista faça ele não anula os traços iniciais.

Tal posição solicita que os migrantes optem por constituir seus lugares em alusão aos lugares de origem, isto é, seus lugares vividos até então, reafirmando seus laços de co-definição, coexistência e pertencimento à terra natal.

Nessas condições, o migrante negocia diariamente seu pertencimento, numa condição de tensão entre o “aqui”, o estar aqui e o “lá”, ter deixado lá (BAGNOLI, 2007), que solicita que ele equilibre as preponderâncias, exigências da terra natal e do novo lugar (GOETTERT, 2009). Este administra um limiar entre o estranhamento provocado pelo sentimento de deslocamento do seu lugar e a necessidade intrínseca ao migrante – a constituição de seus lugares para a realização de sua existência.

Tal limiar tem um fundamento ontológico: a irrevogável relação ser-lugar, intrínseca à significação dos lugares. Esta solicita a constituição dos lugares em conformidade aos princípios estéticos e espaciais (permeadas pelas concepções socioculturais) dos migrantes, isto é, alcançado no envolvimento com o lugar (*place attachment*) que se constitui pela significação dos vínculos afetivos que ligam os sujeitos aos lugares, os quais emergem da experiência construtora do sentido do lugar (SCANNELL; GIFFORD, 2010; MORGAN, 2010).

O sentido do lugar (*sense of place*), como denomina Relph (1976), deriva de uma necessidade ontológica: a continuidade da identidade, que está atrelada à ligação intrínseca entre lugar e o ser. A constituição do sentido do lugar ocorre de uma maneira processual. Como afirma Malpas (2008), essa é sempre uma tarefa inacabada, não podendo

ser encontrada ou alcançada em nenhum momento do processo construtivo. O sentido do lugar é, então, uma construção vivenciada. Ele brota da unidade que é encontrada a partir da experiência de existir conjuntamente, de conhecer e ser conhecido (MALPAS, 2008). O sentido do lugar só emerge se nos envolvemos com ele. Ser e lugar existem num processo de co-constituição que se opera em um ciclo de construção-reconstrução: o ciclo lugar/Eu (*place/self cycle*) (CASEY, 2001).

O envolvimento com o lugar se desdobra em um movimento de transformação e personalização realizado pelos migrantes. Tal movimento advém da conciliação entre a busca do migrante em conservar sua afiliação com os lugares de sua terra natal e o envolvimento do migrante com o novo lugar (NAGEL; STAEHLI, 2008). Nesse sentido, a constituição dos lugares pelos migrantes não se trata de uma replica dos lugares de memória. Pelo contrário, a transformação ocorre conjugando o novo e o familiar, sem que isso signifique, necessariamente, uma hibridização<sup>2</sup> (KIVISTO, 2001; EHRKAMP, 2005).

Em **terceiro**, existem os migrantes que resistem às mudanças ontológicas, optando por transitar entre os lugares genéricos. Esses lugares existem de maneira uniforme em todas as localidades, o que permite ao migrante dar continuidade a sua narrativa existencial independentemente da localidade, como as cidades globais e os circuitos cosmopolitas.

Esses migrantes renunciam o processo de personalização dos lugares, optando por trafegar por lugares cuja receptividade é quase

<sup>2</sup> Entendemos que conjugar o novo e o velho não significa necessariamente sobrepor, como sugere a ideia de hibridização. O encontro de dois diferentes não deve, obrigatoriamente, resultar num terceiro. A hibridização depende de uma anulação da diferença. Por exemplo, a ideia do nipo-brasileiro, ela depende de pensar que não se pode ser brasileiro e ao mesmo tempo nipônico. Há uma redução de um ao outro.

universal, isto é, os lugares genéricos, segundo Lévy (2001). Esses lugares possuem feições quase idênticas em numerosas localidades. Bauman (2001) argumenta que existem lugares que tendem a manterem-se neutros, destituídos de impressões e expressões identitárias e relacionais, são esvaziados das subjetividades. A ampla receptividade desses lugares (que os tornam genéricos) deriva de um cancelamento das diferenças (tornadas invisíveis ou apagadas). As pessoas os vivenciam sem, contudo, apropriar-se deles. São exemplos desses: os shoppings, aeroportos, estações de trem, lojas de departamento, hipermercados, filiais de empresas multinacionais etc.

Os sujeitos que transitam por esses lugares atenuam a distância/estranheza entre eles ao ignorar (ou por serem permitidos a ignorar) tal distância. A certeza dos sujeitos sobre a presença de lugares que eles de alguma forma já conhecem, por terem o experienciado (previamente), transmite um sentimento de segurança. A pressuposta familiaridade com o novo lugar permite que os sujeitos sintam-se em “casa” em qualquer localidade, por mais distante que ela seja.

Duas características da modernidade líquida, os mecanismos de desencaixe e a impessoalidade (GIDDENS, 1991), permitem tal familiaridade. Ambas em conjunção permitem o descolamento dos lugares de seu contexto socioespacial e sociocultural. O grau de independência dos sujeitos para utilização de lugares genéricos se amplia com a universalização da legibilidade da organização e funcionamento (espacial) desses lugares. A difícil tarefa de interagir com estranhos é eliminada, ou em grande medida amenizada, na aprendizagem das linhas de ação pré-selecionadas ou, como coloca Ley (1999), pelo globalismo estético e cultural.

Discutimos como as categorias dos lugares genéricos e dos lugares apropriados permitem a inserção (distintas) do migrante no local de destino, que estratégias de negociação elas potencializam. Sentimos,

contudo, a necessidade de aprofundar essa questão pensando mais essencialmente como a espacialidade do lugar se constitui como uma base de negociação do ser-e-estar-no-mundo dos migrantes. Como a natureza desta espacialidade viabiliza ao migrante continuamente negociar a integridade do seu EU.

Massey (2009) discute a eventualidade do lugar enquanto relação de uma constelação de processos que reúnem constantemente e dinamicamente aquilo que previamente não estava relacionado. Em outras palavras, o lugar existe enquanto circunstância, enquanto uma eterna negociação entre as presenças. É a negociação de um “aqui” “agora”, a partir de um imbricado de histórias com diferentes tempos, ritmos e trajetórias. Tudo aquilo que se afirma, ou vem se afirmar, como estrutura-constituente do lugar está sempre num movimento interno.

A eventualidade do lugar o torna, em alguma medida, receptivo à presença dos migrantes, ou “ao que eles fazem” e “ao que eles são”. É nesta abertura do lugar que o migrante pode negociar sua presença. Para que eles possam ser (continuar a ser), é necessário poderem ser em algum lugar. Portanto, os migrantes negociam um “aqui” “agora”, e o fazem no encontro de seus caminhos com o emaranhado de caminhos das presenças constituintes dos lugares até então. Eles negociam sua integridade, a manutenção da sua unidade, suas concepções estéticas e espaciais na eventualidade do lugar.

O lugar permanece aberto às possibilidades de escolha e formas de existência. Esta abertura é um desdobramento de um estar sempre em processo, sendo o lugar uma sucessão (não justaposta) de “aqui” “agora”. Estar num novo lugar significa situar-se, tecendo um sentimento coerente de estar no mundo “aqui” “agora”. Em outras palavras, é um constante e permanente encontro. Massey (2009, p. 176) afirma que “chegar a um novo lugar quer dizer associar-se, de

alguma forma ligar-se à coleção de estórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito”.

Nesse sentido, situar-se no “aqui” “agora” insere o migrante em um tecer de histórias não acabadas. Que quer dizer? A interação das histórias (até agora) constituintes do lugar não se desdobra em uma sincronia fechada. Tal interação não compõe um “agora” com tal coerência. Cada história pode adotar novas trajetórias, diferentes das que seguiu até então. O “aqui” “agora” se caracteriza por uma forte dinamicidade.

Posto isso, os migrantes ao construírem o sentido dos seus lugares negociam sua existência dia a dia. A contínua experiência dos migrantes das mudanças e inconstâncias dos lugares permite um resguardo de sua unidade com estes. Como Relph (1976, p.33) afirma: “time is usually a part of our experiences of place, for these experiences must be bound up with flux or continuity”. A experiência dos lugares propicia um engajamento ativo na sua constituição. A busca do migrante por se situar desdobra-se em um processo de autodefinição.

O lugar dos migrantes se configura numa totalidade que não está fechada, estática, que se constitui via um ser-e-estar conjuntamente ou, como colocaria Rossetti (2004) a partir de Bergson, uma totalidade movente, um devir que dura modificando-se constantemente. A unidade do lugar é continuamente retrabalhada no envolvimento ativo do sujeito com os lugares, que reunifica o ser-sido, o por-vir e o presente (DUBOIS, 2004). O sujeito vive (experiencia) a temporalidade do lugar autodefinindo-se junto a ela: “The things can be the things that they are, within they can stand in relation to other things, within which we find ourselves” (MALPAS, 2008, p.65).

Os lugares dos migrantes como pontos nodais, pontos referenciais do fluxo migratório, recebem constantemente um afluxo de informações, pessoas, objetos. As presenças que constituem esses lugares se

alteram incessantemente, engendrando novos instantes, ou os “aqui” “agora”. Diante desse afluxo, para manter sua estrutura minimamente em equilíbrio, esses lugares se desintegram e se reintegram, de forma que possam atualizar suas narrativas e manter-se coerente. Em outras palavras, os “aqui” “agora” estão interligados de tal forma que geram um fluxo indivisível, isto é, um contínuo que se estabelece pela relação das presenças, tais quais se tornam em interação parte uma das outras.

Os migrantes buscam constituir, edificar seus lugares de modo que eles possam habitar. O sentido do lugar suscita um sentimento de bem-estar, uma sensação de a alma estar sendo nutrida. É habitando que o sujeito realiza seu modo de ser-e-estar no mundo (MARANDOLA JR., 2008b).

Segundo Heidegger (2001, p.139), “a essência de construir é deixar-habitar”, isto é, devolver o sujeito ao abrigo de sua essência: sua existência. As construções demarcam a essência, dando a ela moradia. Os sujeitos habitam e, então, eles cuidam, protegem e cultivam sua condição de ser no ‘aí’, eles resguardam a si mesmos, resguardando seu abrigo, sua instância e circunstância. Esse resguardo, segundo Marandola Jr. (2008a; 2008b), faz do habitar um modo de alcançar a segurança existencial-ontológica.

Construir um lugar que permita ao migrante habitar é essencial para a continuidade de sua identidade. O ser mantém sua identidade, aquilo que lhe projeta para fora de si e põe no mundo (HEIDEGGER, 2001) na medida em que constrói um ‘aí’, uma situacionalidade (MALPAS, 1999). Nesse construir o sujeito faz escolhas de como remeter-se ao mundo, como existir, e esse existir tem como fundamento o conjunto de relações estabelecidas, as relações que o sujeito se vê posto com o lugar, com o mundo (MARTINS, 2007).

Essas reflexões colocam em outros termos a questão: porque o migrante sente uma necessidade intrínseca e irrevogável de remeter-

se aos seus lugares de memória, isto é, os lugares que ele viveu até então na constituição de seus novos lugares? Essa questão implica pensar o ser (migrante) e a necessidade de dar continuidade à sua narrativa existencial.

#### O PRINCÍPIO DA IDENTIDADE NA CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA NARRATIVA MIGRANTE

O migrante experiencia uma situação de transitoriedade ontológica, isto é, uma busca por situar-se no mundo e retomar a segurança existencial. Essa transitoriedade envolve uma sensação de incongruência entre o ser e o mundo, e uma negociação do ser-no-mundo. Essa negociação é um movimento em busca de uma continuidade do ser, mas não no sentido de monotonia, ou nas palavras de Heidegger (1999), de uma unidade desprovida de relações.

Um reajuste de fundamento ontológico está na raiz da transformação que o ser migrante enseja nos lugares de destino. O lugar é onde o ser pode se realizar. A relação ser-lugar permite ao migrante continuar a ser ele mesmo o mesmo, na medida em que permite o ser manter-se em um movimento conjunto às coisas. Uma disjunção dos tempos do ser e das coisas, ou uma monotonia do ser teria como efeito colocar o ser num estado infinito de início, isto é, a cada momento o mundo que se apresentaria para nós seria um outro desconhecido. Tal situação é inconcebível. É essencial sabermos quem somos a fim de alcançar nossa unidade na identidade.

Em vista disso, essa transformação é uma questão ligada à identidade. Heidegger (1999) concebe o conceito de identidade (por nós adotado) a partir de uma discussão que desenvolve em uma de suas conferências sobre o princípio da identidade. Tal princípio se define por:  $A=A$ . Segundo o filósofo, essa igualdade não tem por propósito

assemelhar, mas sim indicar a mesmidade. Em outras palavras, o princípio não diz que A é A, mas sim que cada A é ele mesmo o mesmo, não é preciso dois na igualdade. O princípio da identidade é o princípio do ser. Isto é, cada ente comporta uma identidade, faz parte deste a unidade consigo mesmo. A identidade confere unidade ao ser. Como Heidegger (1999, p. 174) afirma, “Em cada identidade reside [...] a união numa unidade”.

Propomos, amparados por essa concepção de identidade, pensar em outros termos a inclinação do migrante a aludir na constituição de seus lugares (no local de destino), suas referências, vivências, experiências e memória de sua terra natal. Entendemos que essa alusão é um apelo da identidade falando desde o ser do migrante. Nas palavras de Heidegger (1999), o apelo da identidade fala, o que é preciso é ouvir essa fala para alcançarmos o ser.

O remeter-se aos lugares de origem dos migrantes e as transformações que dela decorre não pode ser entendido apenas como uma resposta à diferença ou ao Outro. Ou uma busca por estar com os seus semelhantes e inserir-se na ordem de uma comunidade (os brasileiros, os bolivianos, os paraguaios etc.). Em outras palavras, uma busca pelo **comum**-pertencer, em que o sentido de pertencer é determinado a partir da comunidade: pertencer significa integrar-se a unidade de algo múltiplo (HEIDEGGER, 1999).

É preciso ponderar que o migrante não continua a ser ele mesmo, exclusivamente por estar entre seus semelhantes, isto é, com pessoas com quem ele se identifica, com a sua suposta comunidade. Tal ideia pressupõe um **comum**-pertencer, que é um pertencer mediado e que se fundamenta numa abstração da identidade, uma construção (política, social) daquilo que o migrante é. Ao amparar-se nessa construção, incorre-se ao risco de determinar preceitos e suposições que orientam as ações dos migrantes.

O **comum**-pertencer concebe a comunidade a partir de uma generalização ou, nas palavras de Heidegger (1999), a partir de um centro unificador, que seria uma concepção daquilo que nos torna iguais. Embora cada ser tenha suas especificidades, eles estão, nesta concepção, inseridos numa ordem.

Pressupor que a busca dos migrantes é por voltar a estar junto de seus pares, é dizer que sua busca consiste na reintegração desta ordem e, portanto, ele busca uma abstração. Por exemplo, dizer que os brasileiros constituem seus lugares e realizam seus festivais para continuarem a ser brasileiros ou para continuarem a estar entre brasileiros é pensar um pertencer mediado pela abstração da identidade: brasileiro. O que colocamos é que os migrantes, antes, buscam continuar a ser eles mesmos, não apenas o brasileiro, mas sim uma busca mais ontológica que assegure sua narrativa existencial, sua identidade.

O ser sempre é em relação com. O migrante sempre está em relação com seus pares, isto é, com os outros migrantes, contudo, o migrante está, antes, em relação com ele mesmo. A relação que impera na identidade é a relação do mesmo consigo mesmo (HEIDEGGER, 1999). O migrante, dessa forma, busca um **comum**-pertencer, isto é, comunidade determinada pelo pertencer. Nas palavras de Heidegger (1999, p.176), “não mais representar um pertencer a partir da unidade da comunidade, mas de experimentar esta comunidade a partir do pertencer”. O migrante deseja pertencer sendo. Que quer dizer isso? Pertencer é proposto por Heidegger como uma reciprocidade. O **comum-pertencer** é um recíproco pertencer entre ente e ser. É nessa reciprocidade que o ser migrante busca sua mesmidade, sua unidade. Para que o ser migrante possa ser, basta ele mesmo; mantendo-se ele mesmo, sendo para si o mesmo.

Voltemos, então, à questão da necessidade do migrante de remeter-se aos seus lugares de origem.

Pensamos o ente do ser como o lugar. Ser e lugar apropriam-se reciprocamente um do outro e, dessa reciprocidade, o ser se determina. A geograficidade é uma propriedade intrínseca ao ser. Como Sack (1997) coloca, nós, humanos, somos todos seres geográficos (*geographical beings*), ou *homo geographicus*. Segundo o autor, a geografia é a centralidade da natureza humana. Essa nossa natureza afeiçoa nosso mundo e nós mesmos todo o tempo. Desse modo, colocamos que a alusão aos lugares de origem trata-se de um desdobramento da natureza humana: ser enquanto um ser espacial, um ser geográfico e, enquanto tal, buscar um comum-**pertencer**, um acontecer recíproco do ser com seu ente lugar. Mas não qualquer lugar. O ser se realiza situado, em um 'aí', ou como Sack (1997) diria, o ser é uma força gravitacional que conflui uma mescla específica de elementos dos domínios natureza, relações sociais e sentido, que são os domínios constituintes do lugar. É nessa mescla de proporções singulares que o ser permanece sendo. A alusão aos lugares de origem é uma busca, não por reproduzir os lugares (pois isso seria impossível), mas sim de engendrar uma congregação de elementos que acene para o lugar de origem, isto é, acontecer-se apropriando daqueles elementos que lhe permitem realizar-se enquanto ser.

O ser se constitui enquanto ser-no-mundo, em função de um acontecer, ou de um existir recíproco entre ser e lugar. Esse acontecer se dá por meio da experiência geográfica do mundo. Isto é, o ser se relaciona com o mundo experienciando-o, sempre via corporeidade, visto que o ser está entregue ao homem (ente) e vice versa (HEIDEGGER, 1999). Quando o ser sai para o mundo, sua intencionalidade faz com que ele se volte ao mundo e relacione com dados elementos sensoriais. Essa atenção faz com que eles sejam percebidos e sentidos. E por meio de um processo cognitivo, esses elementos são entendidos e significados. Como desdobramento o ser reúne elementos significativos.

A intencionalidade e volição, pode se dizer, são o ponto de partida para o surgimento da especificidade constituinte dos lugares (ENTRINKIN, 1980; MERLEAU-PONTY, 2006). Em vista disto, os lugares são um afluxo entre os elementos disponíveis, passíveis de serem percebidos e apropriados, e as necessidades, vontades, que direcionam o ser a eles, nunca casualmente ou acidentalmente.

Contudo, é importante considerar que essas vontades e necessidades não são imutáveis. Pelo contrário elas podem alterar-se ao longo do tempo, mas elas de alguma maneira mantêm-se circunscritas a um âmbito de possibilidades. Existe sempre um 'aí' de onde o homem surge como ser, o qual é objeto do pensar e construir (DARDEL, 1990). Em vista disso, embora haja essa mutabilidade das vontades e necessidades, elas flutuam dentro de certo limite, elas não o extrapolam, pois isso significaria uma descaracterização do Eu.

Giddens (2002) coloca que todos têm uma multiplicidade de escolhas, entretanto, não são todas as escolhas que estão abertas a todos. Segundo o autor, o estilo de vida (que pode ser aproximado ao modo de ser) envolve um conjunto de práticas, hábitos e orientações que têm unidade entre si e tal unidade é essencial para a segurança ontológica. As opções estão todas conectadas, nunca dispersas. Por exemplo, as vontades de uma pessoa com relação aos aspectos estéticos de sua casa podem se alterar com o tempo, ela pode querer mudar seus móveis, a disposição das coisas, as cores. No entanto, não são quaisquer móveis e quaisquer cores que são consideradas como uma opção. Existe um estilo e uma gama de cores que fazem com que a pessoa sintam-se bem, em outras palavras sintam-se ela mesma.

Um simples desalinhamento entre as preferências e concepções estéticas da pessoa e a estética da casa faz com que ela deixe de considerá-la como sua. Uma experiência estética distorcida pode colocar uma pedrinha no traçado da narrativa existencial. Belk (1992)

coloca a importância da presença de nossos objetos pessoais nos lugares como uma forma de expressão do Eu e como mediações para resgate da memória. O Eu personifica seus lugares espalhando-se e ampliando-se neles.

Em vista disso, podemos dizer que o lugar do migrante sempre está em mutação, pela própria natureza movente do lugar, bem como, pela transitoriedade ontológica do ser migrante e as intervenções e apropriação pelos migrantes dos lugares no destino. Entretanto, essa mutação é sempre uma menção a uma gama de possibilidades derivadas da memória do lugar de origem. As vontades dos migrantes giram sempre em torno dos referenciais espaciais e culturais vividos pelo ser do migrante, suas mudanças ocorrem sempre em alusão ao lugar de origem, de modo que a narrativa existencial, ou a segurança ontológica possa ser mantida.

É fundamental compreender que a busca essencial do migrante é pela sua unidade na identidade, isto é, manter-se como uma unidade podendo o migrante consigo mesmo ser ele mesmo o mesmo. Esse entendemos ser o ponto central para compreensão do fenômeno migratório do ponto de vista espaço-existencial, visto que todo o processo migratório se coaduna, orienta e se move ao entorno desta necessidade intrínseca, irrevogável e primordial do ser que é: consigo mesmo ser ele mesmo o mesmo. Tal busca está sempre associada à constituição do lugar, uma vez que o ser é situado.

O entendimento dessa necessidade primordial, então, parte da compreensão do lugar, ou melhor, da relação estabelecida entre ser e lugar; pois não podemos nos esquecer que, afinal de contas, o migrante trata-se de um *homo geographicus*.

## A EXPERIÊNCIA GEOGRÁFICA DE MIGRAR

Conceber a migração através dos lugares permite alcançar a geografia migrante, geografia esta concretizada por um ser migrante em sua trajetória e travessia de uma condição de “estar-entre” perpassada pela transitoriedade ontológica. Para nós, compreender a geografia migrante torna-se em si descobrir o ato de viver a experiência migrante. A experiência migrante é uma experiência geográfica de exploração do mundo, tecida na construção de uma relação existencial que se ampara na co-existência entre o ser e o mundo.

Buttimer (1980 p. 1) coloca que devemos pensar os lugares em dois movimentos recíprocos: “breathing in and out”. A geógrafa funda tal concepção na ideia de que todas as formas de vida necessitam ao mesmo tempo de um lar e um horizonte a ser explorado. Pensamos que os migrantes radicalizam, em alguma medida, essa necessidade, no sentido de que eles tencionam o limiar entre sair e ficar em sua exploração de novos horizontes, o qual, por vezes, tem sua escala ampliada. O migrante precisa, então, refletir e gerar estratégias que lhe permitam ser capaz de gerenciar um equilíbrio entre esses dois movimentos.

Entendemos que tais estratégias brotam da negociação da presença, isto é, da negociação no e do lugar. Todo pássaro, mesmo que cruze os céus, tem seu próprio ninho para voltar. Propomos pensar que a estratégia do migrante parte do princípio de que é preciso construir um lugar, que exista como um ponto de partida e ao mesmo tempo um ponto de chegada (não no sentido estritamente físico). A existência do lugar é ponto de partida, pois ela constitui o ser como ser. Ao mesmo tempo, é ponto de chegada, pois sempre capaz de devolver o ser ao abrigo de sua essência (HEIDEGGER, 2001).

O migrante gesta essa estratégia imerso na mobilidade. Tal condição tem o efeito de frutificar a constituição de um lugar em interconexão, que sustente a exploração geográfica do migrante, a qual se constitui enquanto travessia. Os movimentos colocados por Buttimer, no caso dos migrantes, referem-se a um lugar espreado. Nesse sentido, o migrante radicaliza o movimento “out” de perscrutar, porque ele precisa lidar com um lugar cujas bases estão em constituição e se fundam em interligações que dependem, em grande medida, da capacidade do próprio migrante de negociá-las e afirmá-las, isto é, lidar com a sua incompletude. Contudo, ao mesmo tempo em que tal incompletude coloca desafios aos migrantes, ela também abre oportunidades. É na incompletude dos lugares, em sua eventualidade, frutificada pela sua temporalidade, que o migrante negocia sua presença. Nesse sentido, a ontologia do migrante emerge como uma questão fundamental.

O migrante ao negociar o lugar, negocia sua dimensão espaço-existencial, que significa que ele também negocia sua dimensão ontológica. Tais dimensões se coadunam na constituição dos lugares. Este é um ponto.

A ontologia do migrante vem à luz, em causa da compreensão da necessidade intrínseca da busca da existência do lugar: o desejo de manter a continuidade da sua narrativa existencial. Este é outro ponto.

A segurança ontológica do migrante está alicerçada em sua identidade. Toda a experiência geográfica do migrante, que engendra um processo (entre movimento e repouso) de concretização da sua geografia, envolve o questionamento de como o migrante permite ele mesmo ser ele mesmo o mesmo. A resposta a essa questão está na capacidade do migrante de realizar sua condição de “estar-entre”, de não abdicar de seu comum-pertencer no espreado de seu lugar.

Então, de repente, aqueles prados verde-ervilha nos quais começavam a desabrochar as primeiras papoulas escarlate, aqueles campos amarelo-canário estriando as fulvas colinas que desciam para um mar cheio de cintilações turquesa, tudo me parecia tão insosso, tão banal, tão falso, tão em contraste com a pessoa e Ayl, com o mundo de Ayl, com a ideia de beleza de Ayl, que compreendi por que seu lugar jamais poderia ser aqui. E me dei conta com espanto e dor de que eu permanecera aqui, de que jamais poderia fugir àquelas cintilações douradas e argêntas, àquelas nuvenzinhas que de azul-celeste se tornavam rosadas, àquela verde folhagem que amarelava a cada outono, e de que o mundo perfeito de Ayl estava perdido para sempre, tanto que já não podia sequer imaginá-lo, e nada mais restava que me pudesse recordá-lo ainda que de longe, nada a não ser aquele frio paredão de pedra cinza

Sem cores

(Calvino, 1992, p.61 – grifo do autor)

**As cores não são Ayl e Ayl não pode ser nas cores, porque antes ela é o e no cinzento.** ○

### Referências

- AHMED, Sara. Home and away: Narratives of migration and estrangement. **International Journal of Cultural Studies**, v.2, n.3, p.329-347, 1999.
- BAGNOLI, Anna. Between outcast and outsider: constructing the identity of the foreigner. **European Societies**, v.9, n. 1, p. 23-44, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BELK, Russel W. Attachment to possessions. In: ALTMAN, Irwin; SENTHA, M. Low (eds.), **Place Attachment: Human Behavior and Environment**. New York: Plenum, 1992, p.37-62.

BUTTNER, Anne. Home, reach, and the sense of place. In: BUTTNER, Anne e SEAMON, David (eds.) *The human experience of space and place*. London: Croom Helm, 1980.

CALVINO, Italo. *As cosmicômicas*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

CASEY, Edward. Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the place-world? *Annals of the Association of American Geographers*, v.91, n.4, 2001. p.683-693.

CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth C. L. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.

COLOMBO, Enzo; LEONINI, Luisa; REBUGHINI, Paola. Different But Not Stranger: Everyday Collective Identifications among Adolescent Children of Immigrants in Italy. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 35, n. 1, p. 37-59, 2009.

CUNHA, Maria J. C. Memórias da Migração: A identidade em Petimento. In: CUNHA, Maria J. C. *et AL. Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007. p.17-42.

DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique*. Paris: PUF, 1990.

DUBOIS, Christian. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

EHRKAMP, Patricia. Placing identities: Transnational practices and local attachments of Turkish immigrants in Germany, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 31, n. 2, p. 345-364, 2005.

ENTRIKIN, J. Nicholas. O humanismo contemporâneo em Geografia. *Boletim Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Identidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

GOETTERT, Jones D. Gentes, migração e transitividade migratória. *Espaço Plural*, v. 10, n. 20, p.53-62, 2009.

HEIDEGGER, Martin. Identidade e diferença. In: \_\_\_\_\_. *Os pensadores*. (trad. Ernildo Stein) São Paulo: Abril Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. Construir, habitar, pensar. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio e conferências*. (trad. Emmanuel C. Leão; Gilvan Fogel; Marcia S. C. Schuback) Petrópolis: Vozes, 2001. p.125-141.

KIVISTO, Peter. Theorizing transnational immigration: a critical review of current efforts. *Ethnic and Racial Studies*, v. 24, n. 4, p. 549-577, 2001.

LEVITT, Peggy; GLICK-SCHILLER, Nina. Conceptualizing simultaneity: A transnational social field perspective on society. *International Migration Review*, v. 38, n. 145, p. 595-629, 2004.

LÉVY, Jacques. Os novos espaços da mobilidade. *GEOgraphia*, Niterói, ano III, n.6, p.07-20, jul./dez. 2001.

LEY, David. Myths and meanings of immigration and the metropolis. *Canadian Geographer*, v. 43, n. 1, p. 2-19, 1999.

MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MALPAS, Jeff. *Place and Experience: a philosophical topography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *Heidegger's Topology: Being, Place, World*. Massachusetts: MIT press, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, 2005.

\_\_\_\_\_. *Habitar em Risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana*. 2008a. 278f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade  
Priscila Marchiori Dal Gallo

\_\_\_\_\_. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.18, n.29, p.39-58, 2008b.

MARTINS, Élvio R. Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, n. 21, p. 33-51, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORGAN, Paul. Towards a developmental theory of place attachment. **Journal of Environmental Psychology**, v.30, n. 1, p.11–22, 2010.

NAGEL, Caroline R.; STAEHELLI, Lynn a. Integration and the negotiation of 'here' and 'there': the case of British Arab activists. **Social & Cultural Geography**, v. 9, n. 4, p. 415-430, 2008.

NAGEL, Caroline R. Rethinking Geographies of Assimilation. **The Professional Geographer**, v. 61, n. 3, p. 400–407, 2009.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

RAVENSTEIN, E.G. As leis da migração. In: MOURA, H. A. (org.). **Migração interna, textos selecionados: teorias e modelos de análise**. Fortaleza: BNB, 1980. p.19-88.

ROSSETTI, Regina. **Movimento e Totalidade em Bergson: a Essência Imanente da Realidade Movente**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SACK, Robert D. **Homo Geographicus**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCANNELL, Leila; GIFFORD, Robert. Defining place attachment: A tripartite organizing framework. **Journal of Environmental Psychology**, v. 30, n. 1, p. 1–10, 2010.

SOARES, Weber. Para além da Concepção Metafórica de Redes Sociais: fundamentos teóricos da circulação topológica da migração internacional. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. **Anais**, Campinas, 2002.

\_\_\_\_\_. Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.21, n.1, p.101-116, jan./jun. 2004.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **The Geographical Review**, v.6, n.2, p. 151-165, 1975.

WESSENDORF, Susanne. 'Roots Migrants': Transnationalism and 'Return' among Second-Generation Italians in Switzerland. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 33, n. 7, p. 1083-1102, 2007.

Submetido em Fevereiro de 2011.

Aceito em Maio de 2011.